



por José Pedro Teixeira Fernandes

Richard Wolin, *The Seduction of Unreason. The Intellectual Romance with Fascism from Nietzsche to Postmodernism*, Princeton-New Jersey, Princeton University Press, 2004, 375 p.

Podem ideias com origem em pensadores que em diversas fases da sua vida e do seu percurso intelectual estiveram alinhados com a direita e/ou extrema-direita política e mais ou menos comprometidos com ideias e/ou regime totalitários fornecer o substrato teórico-filosófico para causas prosseguidas pela esquerda política, habitualmente qualificadas como socialmente progressistas? Aparentemente, a questão nem sequer faz sentido pois tudo opõe, ou deveria opor, uma esquerda progressista e com preocupações de transformação e justiça social a uma direita e/ou extrema direita conservadora e retrógrada. Todavia, uma “genealogia” sobre a história das ideias políticas e a filosofia europeia do século XX acaba por se confrontar, mais tarde ou mais cedo, com aquilo que à primeira vista consideraríamos estranho, altamente improvável, senão mesmo até absurdo. Um encontro com uma das mais surpreendentes reviravoltas da vida intelectual europeia do século XX, é o que nos propõe Richard Wolin, um historiador das ideias e professor de História e Literatura Comparada da *City University* de Nova Iorque, no livro *The Seduction of Unreason. The Intellectual*

*Romance with Fascism from Nietzsche to Postmodernism* (A Sedução do Absurdo. O Romance Intelectual com o Fascismo de Nietzsche ao Pós-modernismo) que, em trabalhos anteriores, como *The Politics of Being: The Political Thought of Martin Heidegger* (1990) – publicado em português pelo Instituto Piaget com o título *A Política do Ser: O Pensamento Político de Martin Heidegger*, 1998 – , *Labyrinths: Explorations in the Critical History of Ideas* (1995), *Heidegger's Children: Hannah Arendt, Karl Lowith, Hans Jonas and Herbert Marcuse* (2001) já deixou um rasto de polémica e muitos intelectuais pós-estruturalistas/pós-modernistas da Europa e América do Norte à beira de um ataque de nervos. Importa clarificar que quando falamos em “pós-estruturalismo/pós-modernismo” estamos a referir-nos a uma corrente intelectual ampla e heterogénea que se caracteriza, essencialmente, pela oposição aos ideais racionalistas, humanistas e universalistas do Iluminismo, pela crítica ao conhecimento científico considerado uma forma de poder e de opressão ao serviço da democracia liberal-capitalista, pela desvalorização da racionalidade, pela sustentação do relativismo cultural da verdade e pela defesa das políticas de identidade e/ou da diferença.

Em *The Seduction of Unreason*, Richard Wolin dividiu em duas partes a sua abordagem sobre este complexo assunto, que está nas “margens sangrentas entre as ideias filosóficas e as ideologias políticas”. A primeira é dedicada ao que este designa como a “ideologia alemã”, ou seja o contra-iluminismo, empenhado na rejeição da crença na razão e na verdade universal, da possibilidade de progressão social e política pelos valores do liberalismo e da democracia e na negação do humanismo universalista iluminista do século XVIII. Aqui, Wolin analisa sobretudo as ideias e o percurso pessoal e político de pensadores como Friedrich Nietzsche, Carl Jung, Hans-Georg Gadamer, efectuando também o que este chama uma “excursão política” sobre o pensamento da nova direita alemã. Insere ainda um capítulo dedicado especificamente à recepção pós-moderna de Nietzsche na América do Norte, após a “escala técnica” feita em França, onde adquiriu roupagens pós-estruturalistas, com o sugestivo título de “Zaratustra vai para Hollywood” (uma alusão irónica ao livro *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche). Neste capítulo, põe em causa o uso selectivo e/ou as omissões deliberadas dos aspectos mais incómodos e comprometedores do pensamento de Nietzsche, que acabou por se transformar numa espécie de “filósofo da corte dos nazis”, mas nos textos dos pós-estruturalistas franceses e seus seguidores (o caso de Michel Foucault é talvez o melhor exemplo), surge com uma imagem “desnazificada”, quase angélica, como um espírito sublime com meras preocupações estéticas e de crítica cultural e social, alheado dos meandros terrenos da política de poder (*machtpolitik*). A este propósito, vale a pena aqui

lembrar o comentário bastante irónico de George Crowder na *Australian Review of Public Affairs*, onde este faz notar que “uma das maravilhas do pensamento social e político dos últimos vinte anos foi a aliança entre a política da esquerda e a filosofia pós-modernista, ou anti-filosofia. Pensadores como Michel Foucault e Jacques Derrida foram colocados no santuário das autoridades sobre grupos oprimidos de várias espécies: povos indígenas e colonizados, mulheres, comunidade *gay*, refugiados e outros”. Todavia, acrescenta este, “nem sequer é necessária muita reflexão para se poderem lançar sérias dúvidas sobre o facto de causas extremamente progressistas poderem ser sustentadas pelo tipo de ideias que estes autores promoveram.”

Na segunda parte do livro Richard Wolin aborda o que este chama as “lições francesas” e a viagem da “ideologia alemã” para a outra margem do Reno, ou seja, a deslocação do contra-iluminismo com “a crítica da razão, da democracia e humanismo, que teve origem na direita alemã dos anos 20”, para França, pela via, bastante insólita, da esquerda intelectual e política francesa, que se apropriou e internalizou essas ideias. Nesta parte, a análise de Richard Wolin incide sobre os pensadores que, segundo este, tiveram um papel central nessa “transmutação” de ideias reaccionárias e próximas de ideologias totalitárias de direita – fascismo e nazismo – em ideias alegadamente “progressistas” e “democráticas” de esquerda, como Georges Bataille, Maurice Blanchot e Paul de Man, passando pela influência filosófica de Martin Heidegger, para culminar no desconstrucionismo de Jacques Derrida e nas implicações do seu relativismo extremo sobre a própria ideia de verdade e de justiça. Há também uma segunda “excursão política”, agora sobre o pensamento da nova direita francesa da Frente Nacional de Le Pen e seus seguidores. Mas, o que se torna mais perturbante ao longo da leitura do livro é a descrição que o autor faz das similitudes filosófico-políticas entre o actual pós-estruturalismo/pós-modernismo e as suas pretensões de crítica e superação da modernidade, e muitas das ideias dos intelectuais “protofascistas” dos anos 20 e 30, que aderiram a ideologias totalitárias, e que pretendiam banir a democracia parlamentar e o liberalismo, revelando a existência de um vasto “património negro” habitualmente omitido ou “embelezado” pelos seus adeptos.

Apesar de tudo o que já foi exposto, o que acaba por ser mais surpreendente no livro de Richard Wolin é ver como a ideia de uma esquerda tradicionalmente universalista, baseando as suas ideias e reivindicações sociais e políticas nas noções de razão, verdade, direitos humanos, justiça e democracia, se perdeu na nebulosa do pós-estruturalismo/pós-

modernismo. Ao assimilar, entre outras influências, o “perspectivismo” de Nietzsche (bem expresso no dito “não há factos só há interpretações”) parte do pensamento de esquerda – a chamada “nova esquerda pós-marxista” – pretendeu relativizar as normas sociais e/ou jurídicas da sociedade liberal-burguesa, denunciando-as como expressão de interesses particulares ou relações de poder que arbitrariamente favorecem alguns povos, culturas ou grupos sociais em detrimento de outros. Com este fundamento filosófico e epistemológico “inovador” os “progressistas pós-modernistas” das diversas Ciências Sociais e Humanas do mundo anglo-saxónico e da Europa, consideram-se em posição de “desconstruir” as normas dos grupos dominantes ou privilegiados socialmente e denunciar a “hipocrisia social” sustentando que “todas as culturas são boas” e fazendo a apologia das políticas públicas da identidade e da diferença. Para além do impasse ético e do bloqueio da acção política a que este tipo de ideias tendencialmente leva (o que, só por si, já é suficientemente negativo) é também óbvio que o mesmo procedimento corrosivo pode ser aplicado aos ideais verdadeiramente progressistas. Veja-se o caso dos direitos humanos. Se os virmos sob as lentes do pós-estruturalismo/pós-modernismo é inevitável chegarmos à conclusão que não são mais do que uma expressão da cultura ocidental (o ideário liberal contido nas revoluções francesa e americana) e de uma vontade de poder do Ocidente (que pretende impor a “hegemonia cultural” liberal-burguesa denunciada por Antonio Gramsci), não havendo, por isso, razão válida para que outras culturas os adoptem (não é isso que dizem também os fundamentalistas islâmicos?) Claro que as primeiras vítimas deste relativismo cultural extremo são, muito provavelmente, os próprios grupos sociais mais frágeis, como as mulheres e as crianças, que aí encontravam protecção. Mas, como o alvo a abater são os valores do liberalismo, todos os argumentos parecem ser úteis, venham da (extrema) esquerda ou da (extrema) direita. *Les extrêmes se touchent*, como diz Richard Wolin.

Em síntese, e numa apreciação final, este livro traz um contraponto válido à muita literatura influenciada pelo pós-estruturalismo/pós-modernismo que facilmente se pode encontrar nas diversas Ciências Sociais e Humanas. Wolin tem o mérito inegável de obrigar os seguidores desta corrente intelectual a confrontarem-se com as ligações e consequências políticas das ideias perfilhadas, o que estes normalmente evitam fazer. Nas já referidas disciplinas, deparamo-nos com muita facilidade com as ideias “inovadoras” dos precursores deste movimento, só que, na maioria dos casos, não as encontramos nem contextualizadas politicamente, nem existe um claro e inequívoco distanciamento face às suas “ligações perigosas” com as diferentes ideologias totalitárias. Vale a pena ler e reflectir sobre isso.